

Cristianismo e secularização, violência e sagrado: considerações a partir de Gianni Vattimo

Kleiton Cerqueira de Almeida¹

RESUMO

Partindo da idéia de “superação da metafísica” conforme exposta por Gianni Vattimo, sobretudo, a partir da influência de Nietzsche e Heidegger, o presente artigo busca salientar e descrever as conseqüências desta à religião, de modo específico, ao cristianismo. Indica, por fim, um retorno da religião onde a secularização vê-se como conseqüência legítima e elemento característico à religiosidade no Ocidente. Recorrendo a Gioacchino da Fiori e René Girard, trata de demonstrar como as implicações do *pensiero debole* vattimiano conduzem a um cristianismo flexível, modesto e não dogmático, destituído, por fim de caráter dominador e violento. Tais características são evocadas por Vattimo ao destacar o caráter kenótico do “D”eus cristão.

Palavras-chave: Vattimo, superação da metafísica, secularização, retorno da religião, pensamento fraco, kénose.

Christianity and secularization, violence and the sacred: considerations based on Gianni Vattimo

ABSTRACT

Beginning with the idea of the “overcoming of metaphysics” as presented by Gianni Vattimo, above all based on the influence of Nietzsche and Heidegger, the present text seeks to point out and describe the consequences of these for religion, and, specifically, for Christianity. The research indicates, finally, a return of religion where secularization is seen

¹ Mestrando em Ciências da Religião.

as a legitimate element characteristic of religiosity in the West. Returning to Gioacchino da Fiori and Rene Girard, the discussion seeks to demonstrate that the implications of *pensiero debole* lead to a flexible Christianity, modest and not dogmatic, free from dominating and violent characteristics. Such characteristics are evoked by Vattimo in pointing out the kenotic character of the Christian “G”od.

Keywords: Vattimo, overcoming of metaphysics, secularization, return of religion, weak thought, *kénose*.

Introdução

A qualificação “pós-modernidade”; não pode ser caracterizada como unanimidade em meio à intelectualidade contemporânea. O próprio Gianni Vattimo chega a indicar, como possibilidades, qualificações diversas, já circulantes em meio às discussões quanto ao tema – *e.g.* modernidade tardia, ou fins da modernidade. Tais denominações tratam, contudo, de apontar para a situação diversa em relação à concepção de *realidade*, *verdade* e *ser* anteriormente aplicadas. O tempo pós-moderno é o tempo em que a verdade vê-se como *evento* e *hermenêutica*, assumida, por sua vez, como efetivamente marcada por contingência histórica – caracterizando-a como frágil e tornando-a desprovida de pretensões absolutistas, e por isso violentas e silenciadoras. Neste sentido deve ser compreendida a concepção “pensamento fraco” (*pensiero debole*) de Gianni Vattimo: O Ser *não é!* Ele *acontece!* E trata-se sempre de uma interpretação – “[...] evento que deve ser interpretado [...] destino, errância, envio”. De forma sucinta e direta: trata-se da superação da metafísica ou o fim desta, ao qual Heidegger diretamente mencionou.

Aplicada à religião, e conseqüentemente ao cristianismo, este *a-deus* à metafísica para Gianni Vattimo não equivale de forma evidente e absoluta à superação da religião e do cristianismo. A superação de uma constitui, por assim dizer, na sublevação da outra. O *a-deus* a uma trouxe *com-deuses* a outra.

O presente trabalho busca, a partir do pensamento de Gianni Vattimo, apontar elementos outros inseridos na relação violência-sagrado a partir de sua concepção de secularização atrelada ao cristianismo.

Morreu o Deus! Viva os deuses!

A crença em um Deus fundamento de toda a realidade foi fator decisivo para a manutenção e estruturação de uma ordem objetiva do mundo. Assim, é que o reconhecimento desta ordem, e consequentemente deste Deus, foi necessidade impreterível para a adequação correta da moral e de toda e qualquer descrição do real. Assim sendo, Vattimo qualifica este Deus como metafísico, sendo esta a “crença em uma ordem ideal do mundo, em um reino de essências que vão além da realidade empírica”. (VATTIMO, 2004, p.22)

De acordo com Gianni Vattimo, Heidegger caracterizando o ser como evento, rechaçava a objetividade, estabilidade e imobilidade características ao pensamento metafísico, que, vigente em toda a Europa desde Parmênides, acreditava poder alcançar “o fundamento último da realidade sob a forma de uma estrutura objetiva que se dá fora do tempo, como uma essência ou uma verdade matemática”. (VATTIMO, 2004, p. 10) Em benefício da liberdade, Heidegger proclamou a existência humana como projeto, evento, história.

Para Vattimo, Nietzsche aproxima-se de Heidegger justamente no que concerne à metafísica. Ao anunciar a morte de Deus, Nietzsche anunciava efetivamente a morte da metafísica: Deus, fator intenso de racionalização e disciplina, estava morto. A condição humana, antes submissa a uma racionalização da existência inerente à crença em Deus, em um movimento de autonomia ascendente tornou “inútil e obsoleta a ‘hipótese extrema’ de um ser Supremo, fundamento e finalidade última do futuro do mundo”. (VATTIMO, 2004, p. 21)

Equivalendo o *anúncio* heideggeriano (o fim da metafísica) ao nietzschiano (a morte de Deus) e os qualificando como maneiras genéricas de caracterizar a experiência do fim da modernidade, Vattimo trata de questionar quanto à legitimidade da religião em tais tempos pós-tomos. Em suma, problematiza: o *fim da metafísica* implica realmente no término equivalente de qualquer possível experiência religiosa?

A resposta a esta questão é negativa, ao menos na perspectiva de Gianni Vattimo. Para tanto, trata de salientar que para Nietzsche de fato o anúncio da morte de Deus não encerrava o discurso em torno da religião. O fato de que a “morte de Deus” traria consigo a “vida” e “res-

surreição” de muitos deuses foi antevisto desde o próprio anunciador, e nesta perspectiva, profeta, que em sua obra mais tardia fala sobre a criação de novos deuses, mesmo que a sombra do deus moral e metafísico continuasse a projetar-se sobre o mundo.

O que Nietzsche propõe, destaca Vattimo, não é uma *metafísica ateísta*, implicando na *pretensão* de descrever adequadamente a realidade como algo do qual Deus foi excluído (isto seria como um retorno póstumo à metafísica). Ao contrário, consoante ao anúncio de Heidegger, a *morte de Deus* tornou-se necessária e evidente tendo como pano de fundo o *fim da metafísica*. O que a morte de Deus significava para Nietzsche, salienta Vattimo, nada mais é do que a ausência de um fundamento definitivo, e “nada mais”. (VATTIMO, 2004, p. 9)

O Deus que morreu foi aquele Deus ao qual Pascal já havia indicado. Este é o Deus dos filósofos, fundador e critério da realidade. Sua morte era necessária para o surgimento de novas vidas. A boa notícia (*evangelium*) está assim no enfraquecimento (*kenosis*) até à morte daquele Deus anteriormente adorado.

Acrescenta-se a isto o fato de que juntamente com o fim da metafísica, e a conseqüente morte do Deus-moral, esgotou-se a possibilidade de negar-se filosoficamente a existência de Deus (e igualmente de afirmá-la).² Esta indicação, presente já em Kant e sua crítica da razão, salienta Vattimo, tornou-se como solo fértil para renovadas experiências religiosas e de religiosidades. Tal vitalidade religiosa legitimada evidenciase no que Gianni Vattimo denomina como a “liberação da metáfora” que, tendo em vista a libertação frente à metáfora dos dominadores, torna possível metáforas outras, antes minadas e desgraçadas. Trata-se, em suma, da validação da pluralidade de imagens presentes nos tempos pós-modernos.

² “De forma muito radical, o fim da metafísica e a morte do Deus moral liquidaram as bases filosóficas do ateísmo. Os filósofos hoje parecem ser, em sua maioria, irreligiosos ou anti-religiosos somente por inércia e não em função de fortes razões teóricas. Estas últimas, na modernidade, se identificaram com metafísicas positivistas ou historicistas. Deus era negado ou porque não verificável por meio da experimentação científica ou porque reconhecido como uma fase irremediavelmente superada no processo de iluminação da razão. Agora, sobretudo, estas metanarrativas saíram de circulação com o fim da metafísica”. (VATTIMO, 2004, p. 27)

Em relação a isto, está a compreensão de Gianni Vattimo quanto ao sentido da pesquisa de Michel Foucault ou ainda as pesquisas em relação ao fim das metanarrativas, como é o caso de Lyotard, ou ainda teorias da redescritção, por exemplo, a encontrada em Richard Rorty.

Abrindo mão dos discursos fundacionistas, firmados por sua vez no “esquecimento do ser” em favor do ente, a pós-modernidade renunciando ao sonho ilusório e alienante do que chegou a ser chamado “organização total”, viu-se tomada por uma “explosão incontrolável das imagens do mundo”. Era o desmente conclusivo da metafísica e a corroboração evidente do anúncio anteriormente proferido tanto por Heidegger quanto por Nietzsche. (VATTIMO, 2004, p. 23) Cessam as metanarrativas, dando-se lugar a inúmeras narrações locais e pontuais, entre as quais se encontram as de caráter religioso.

A especialização das linguagens científicas, a multiplicidade das culturas (não mais unificadas hierarquicamente pelo mito eurocêntrico), a fragmentação das esferas de existência e o pluralismo babélico da sociedade de fins da modernidade fizeram, de fato, que se tornasse impensável uma ordem unitária do mundo. (VATTIMO, 2004, p. 23,24)

De forma aparente com o que se dizia em tempos mais antigos: Morreu o deus! Viva o deus! Ou ainda, mais propriamente: Morreu o deus! Viva os deuses!

Cristianismo e secularização

A continuidade da reflexão de Gianni Vattimo há de conduzi-lo a pensar nas implicações da idéia de *secularização* para o modo de viver o retorno à religião anteriormente comentado.

Vattimo concorda com Nietzsche em ver nos fiéis e na religiosidade os assassinos de Deus. O sentido desta compreensão está em que, para ele, todo o conjunto de fenômenos que caracterizam a secularização como distanciamento e autonomia em relação à esfera do sacro são em si um fato interno à história da religiosidade no Ocidente, sendo,

portanto, a secularização antes uma característica propriamente dita desta religiosidade do que a sua negação, como fenômeno estranho e hostil a esta. A experiência religiosa no Ocidente tem seu sentido consumado, por assim dizer, na morte de Deus.

É Gioacchino da Fiore o emblema tomado por Vattimo do modo de se conceber e viver a experiência religiosa como secularização. Concebendo a revelação bíblica como experiência do Espírito e a história da salvação como história do *anúncio* da salvação, onde a recepção deste vê-se como caráter constitutivo e não meramente accidental, Gioacchino da Fiori transmite a idéia básica de uma história da salvação ainda em curso, a realizar-se. Introduz assim um ritmo histórico no interior da própria vida divina que é o “conteúdo da revelação”.

Este ritmo histórico culmina na “Idade do Espírito” (a 3ª Idade) relacionando-se, na perspectiva de Vattimo, com o fim da metafísica e a secularização em andamento. O nexos de tal relação firma-se sobre tudo na liberdade interpretativa e contínua presente na história da salvação de Gioacchino, aparada por subjetividade. Neste sentido, Vattimo fala da “poetização do real” e se aproxima tanto de Novalis, quanto de Schleiermacher e Schelling, reconhecidos por ele, em conformidade com De Lubac, como “expoentes da ‘posteridade espiritual’ de Gioacchino”. Schelling, por exemplo, fala em tom profético sobre o advento de um reino da liberdade firmado sobre uma “religião sensível”, caracterizada como “monoteísmo do coração, politeísmo da imaginação e da arte” e “mitologia da razão”. (SCHELLING. *apud*. VATTIMO, 2004, p. 46).

Sobre o significado desta “Idade do Espírito”, Vattimo destaca que obviamente os prognósticos de aproximação desta “terceira idade”, à qual ele relaciona a “época do fim da metafísica”, não são na atualidade os mesmos a que se referia Gioacchino. Trata-se, contudo, do significado fundamental desta “Idade do Espírito”: “não mais o texto e sim o espírito da revelação; não mais servos e sim amigos; não mais o temor ou a fé e sim a caridade; e, talvez, também não mais a ação e sim a contemplação”. (VATTIMO, 2004, p. 45) Assim é que Vattimo refere-se à obra de Gioacchino como indicadora, onde o longo processo

de secularização que marca o intervalo da produção de Gioacchino aos dias atuais apresenta-se como um preenchimento das condições necessárias ao advento da “terceira idade”.³

O que nota-se evidente é que o elementar neste “sonho romântico de uma nova religião” é seu caráter espiritual aplicado à interpretação das Escrituras, como tratou de salientar Novalis em *A Cristandade ou Europa*: “Não há nada como a letra para anular a sensibilidade (religiosa)”. (NOVALIS. *apud*. VATTIMO, 2004, p. 48). Ou ainda, de forma mais explícita (e menos reacionária) Schleiermacher: “[...] Não apenas a Bíblia não deve ser interpretada ao pé da letra, como também cada espírito religioso deveria ter condições de escrever, por assim dizer, a sua própria”. (VATTIMO, 2004, p. 49).

É esta liberdade interpretativa, legitimadora da subjetividade, que faz da idéia de espiritualização em Vattimo um canal de valorização do secundário, onde as diversas qualidades do “real” sujeitas a percepções diferenciadas vêm-se ora acentuadas, ora minimizadas. Uma espiritualização em que se evidencia o “estético”, no sentido do estado da realidade no qual não se distingue nitidamente da fantasia: trata-se, com efeito, do “reino do sentido”, anteriormente visto por Herbert Marcuse.

A secularização, que para Gianni Vattimo constitui o sentido do fim da metafísica e da “descoberta” do ser como evento e como destino de enfraquecimento, apresenta-se como marco e elemento de realização desta “nova” religião e “novo” tempo. Aliada ao pluralismo, mostra-se como prognóstico de “densas promessas” em meio ao mundo atual.

Esta secularização, equivalente à morte do Deus metafísico, deve ser vista não como o distanciamento absoluto do Deus bíblico, mas, ao

³ “Os sinais da aproximação da terceira idade, que hoje chamamos de época do fim da metafísica, obviamente não são para nós os mesmos de que falava Gioacchino. Todavia, no que tange o significado fundamental da idade do Espírito – não mais o texto e sim o espírito da revelação; não mais servos e sim amigos; não mais o temor ou a fé e sim a caridade; e, talvez, também não mais a ação e sim a contemplação – a obra de Gioacchino ainda nos serve de guia, e podemos até mesmo ousar pensar que o longo processo de secularização que nos separa da época histórica do abade calabrês tenha sido um preenchimento de condições que aproximam o advento da terceira idade”. (VATTIMO, 2004, p. 45)

contrário, a afirmação positiva da idéia da encarnação. É a secularização vista a partir da *kenósis*, o “fio condutor da morte de Deus”, ou seja, a dissolução do sacro, a liquidação da transcendência, em suma, enfraquecimento e esvaziamento.

Deve-se salientar a diferença diametralmente oposta entre este Deus encarnado e aquele “totalmente outro” anteriormente adorado. Assim, se aplica o seguinte comentário de Vattimo em relação às filosofias como as de Derrida e Lévinas.

[...] a evocação dos ensinamentos de Gioacchino tem precisamente o objetivo de mostrar, de maneira explícita, a radical diferença existente entre a posição que sustento aqui e aquelas, amplamente difusas na cultura de hoje que concebem a retomada da religião como abertura para o totalmente outro: refiro-me, claro, à grande influência de Emmanuel Lévinas, mas também ao deconstrutivismo de Derrida. [...] O Deus totalmente outro ao qual se refere grande parte da filosofia religiosa de hoje, não apenas não é o Deus cristão encarnado; é, ainda e sempre, o velho Deus da metafísica, pelo na medida em que é concebido como um fundamento último inacessível à nossa razão [...]. (VATTIMO, 2004, p. 52, 53)

O que dizer, entretanto, do progressismo teológico presente em Gioacchino da Fiori, que em muito nos faz recordar aquelas antigas metanarrativas deixadas para trás (Comte, Hegel e Marx e as equivalências: positivismo, idealismo, marxismo)? Fato é que um dos elementos que caracterizam a pós-modernidade, como o próprio Vattimo já tratou de salientar, é, juntamente com o fim da metafísica, o fim da concepção “da História” como progresso linear, o que parece indicar como inviável a recorrência à Gioacchino feita por Gianni Vattimo.

A esta questão Vattimo não responde satisfatoriamente, atendo-se unicamente à ênfase no nexo entre “espiritualização” e “enfraquecimento” e, portanto, à ligação entre o pensamento de Gioacchino e a contemporaneidade. Vattimo chega a concordar com Karl Löwith, que via nas filosofias modernas da história interpretações secularizantes da idéia judaico-cristã da salvação. Na esteira de Max Weber, define a secularização como a “aplicação interpretativa da mensagem bíblica que a desloca para um plano que não é estritamente sacramental, sagrado, eclesi-

ástico” (VATTIMO, 2004, p. 60). Neste cenário, a modernidade mostra-se como um episódio da história da salvação. História voltada para a profanização do sagrado e o “enfraquecimento” da fé no ocidente.

[...] Seria difícil imaginarmos a evolução das formas políticas modernas em um sentido democrático sem a concepção cristã da fraternidade entre todos os homens como filhos de um único Deus. O repúdio à guerra – ao menos em linha de princípio – por parte da carta da ONU, também é, certamente, um efeito da profunda ação das idéias cristãs ou, em sentido mais amplo, das idéias religiosas. Finalmente, até mesmo a idéia de uma distinção entre esfera pública e esfera privada da existência tem suas raízes na experiência religiosa e nas relações entre religião e vida mundana. (VATTIMO, 2004, p. 61)

Em tempos pós-modernos, ou na Idade do Espírito – visto a relação com Giacchino da Fiori – a igreja cristã, enfatiza Vattimo, deveria reconhecer a herança de seu evangelho em meio à sociedade atual abandonando, para tanto, definitivamente a interpretação literal e autoritária da Bíblia.

[...] Se colocarmos finalmente de lado o rigorismo na leitura da Sagrada Escritura, poderão ser reconhecidos como genuína história da salvação tantos aspectos do mundo moderno e da nossa contemporaneidade que, para uma mente rigorosamente “ortodoxa”, parecem ser puros fenômenos de abandono e distanciamento da religião. (VATTIMO, 2004, p. 62, 63)

Aplicada à realidade plural característica à atualidade, a idéia de espiritualização, a que Vattimo recorre por conta do pensamento de Gioacchino, constitui no enfraquecimento de seu sentido: “Não existem fatos apenas interpretações”. Interpretações estas que conflitam entre si, jogam entre si, tornando a verdade não mais a adequação do intelecto à coisa, mas a “plausibilidade e persuasão no interior de um sistema” (premissas ou comunidade de intérpretes). Ficamos lançados assim à inércia ou à validação total de todas as coisas? Não. A validação, para Vattimo, ocorre em meio à tradição histórica em que nos inserimos. Tradição que não sendo uníssona é validada em meio a uma comunida-

de da qual somos chamados a fazer parte. Sabe-se, contudo, que continua e continuará a tratar-se apenas de interpretação. Com efeito, a verdade acabou por apresentar-se como evento, não mais fundamento.

Da secularização às implicações na relação violência e sagrado

As relações entre herança cristã e niilismo no pensamento de Vattimo devem necessariamente sua procedência à René Girard. O “pensamento fraco” de Gianni Vattimo considera o ser como vocacionado ao niilismo, sendo sua característica o enfraquecimento. Nessa perspectiva, considera o enfraquecimento das estruturas fortes ou da metafísica como o fio condutor da história do ser. A leitura de René Girard une-se ao seu pensamento ao fazê-lo notar que este debilitamento não se constitui em outra coisa senão a “transcrição” da doutrina cristã da encarnação do filho de Deus. A doutrina cristã evidencia-se como anúncio antecedente e corroborativo daqueles proferidos tanto por Nietzsche quanto por Heidegger.

O que é elucidador em Girard é a sua exposição contundente do atrelamento entre a violência e o sagrado e a consequente dissolução deste na idéia da encarnação cristã. Seguindo adiante de Girard, Vattimo salienta: “o sagrado natural é violento não só enquanto o mecanismo vitimário supõe uma divindade sedenta de vingança, mas também enquanto atribui a essa divindade todas as características de onipotência, absolutismo, eternidade e ‘transcendência’ em relação ao homem [...]”. (VATTIMO, 1998, p. 29) O Deus violento de Girard, conclui Vattimo, é em suma o Deus da metafísica que resume em si todas as características do ser objetivo tal qual a metafísica pensa.

Defronta-se com este Deus, segundo Vattimo, o Deus kenótico cristão. Aquele rebaixado ao nível do ser humano. Não violento e não absoluto. Distinto em relação ao Deus de Nietzsche e comum à vocação do ser para o enfraquecimento de que fala a filosofia de inspiração heideggeriana. Seguindo este prisma, se estabelece o nexos entre herança cristã e niilismo. A história da revelação cristã não seria apenas um elemento da história do Ocidente, mas o seu fio condutor.

Dando prosseguimento, Vattimo trata de destacar que a secularização no cenário até então descrito não seria mais do que a concretização positiva da mensagem cristã. A dessacralização do sagrado violento (por exemplo, na transição da monarquia de direito divino à monarquia constitucional e por fim às democracias representativas atuais) não é senão a efetividade da secularização em meio à mensagem cristã. Sendo a secularização um dos elementos atuantes no enfraquecimento do ser, torna-se esta um termo central ao salientar o sentido religioso de todo este processo de enfraquecimento.

[...] creio que se pode razoavelmente reconhecer que não só a economia capitalista (como mostrou Weber), mas todos os aspectos essenciais da civilização capitalista ocidental se estruturam tendo como referência aquele texto de base que foram, para esta civilização, as Escrituras hebraico-cristãs. Que a nossa civilização já não se professe explicitamente cristã e, inclusive, se considere geralmente uma civilização laica, descristianizada, pós-cristã, e seja, todavia, nas suas raízes, profundamente moldada por esta herança – é a razão que me leva a falar de secularização “positiva” como traço característico da modernidade.⁴ (VATTIMO, 1998, p. 34, 35)

As consequências ético-políticas deste pensamento não devem ser negligenciadas. De fato, como Vattimo mesmo afirma, o fim da metafísica se deve essencialmente às questões ético-políticas e não teóricas. Ao estabelecer uma relação entre a secularização como traço constitutivo da modernidade e a ontologia do debilitamento, Vattimo acaba por conferir tanto ao debilitamento quanto à secularização o significado de um “fio condutor crítico com implicação valorativas”. Sendo a herança cristã, regressa no pensamento fraco, sobretudo a herança do preceito cristão da caridade e da recusa da violência, a ética que daí deriva-se é uma ética da não violência. Para Vattimo, a sociedade atual somente é conduzida a uma ontologia débil, como se vê desde Heidegger, por atuar nesta sociedade a herança cristã da recusa da violência.

O Deus kenótico que Gianni Vattimo descreve em seu pensamento é diametralmente oposto aos Deus dos filósofos modernos. Este

⁴ VATTIMO, G. *Acreditar em Acreditar*, p. 34,35.

metafísico, impassível, absoluto, critério e fonte da verdade. Este Deus metafísico, em suma, sustentava-se sobre a mesma base dos discursos absolutistas e totalizantes da modernidade. Este Deus relacionava-se intrinsecamente com a violência características aos discursos “possuidores” da verdade. É o Deus das cruzadas, da guerra santa, do destino manifesto, mas também o Deus inconfessado do marxismo totalitário e ditador ou ainda do empirismo metafísico moderno. O Deus vattimiano é um Deus fraco, que se sustenta unicamente através da retórica engajada e aceita como interpretação válida em uma comunidade de fé.

Considerações Finais - Depois da Cristandade: Cristianismo Fraco

Variadas imagens de mundo sempre sucederam-se na história e até mesmo coexistiram entre si, entretanto, estanques em seus espaços, fundamentalistas e incontaminadas. O fator diferencial em tempos pós-metafísicos é que imagens variadas tornam-se agora simplesmente interpretações; hermenêuticas desprovidas do recurso “exegético”, mas validadas por sua vez na participação coletiva envolvida e de forma alguma neutra. A pretensão por uma descrição objetiva posta de lado impossibilita consequentemente a violência características aos “discursos fortes”.

O mundo das verdades absolutas acaba por tornar-se fábula. A verdade se reduz àquilo que é determinado pelo ser humano. A metafísica, ou seja, o pensamento que identifica o ser com o dado objetivo, segundo a definição heideggeriana, chega ao seu fim. A utopia do ser como objeto mensurável, manipulável, calculável e definitivo, base da “organização total” da qual Adorno fez referência, e do qual o ser humano tendia fatalmente a tornar-se simples matéria e engrenagem de produção e consumo, demonstrou-se inaceitável. A terra do ocaso, lembrando a etimologia que Heidegger faz do “ocidente”, acaba por ter o sentido da sua história no “declinar do ser”. A morte do Deus que Nietzsche anunciava é de fato, para Vattimo, o Deus metafísico, ontoteológico, fundamento e critério de toda verdade e moral. Com o seu desfalecimento, cessam-se os discursos fortes e, paradoxalmente, viabiliza-se a vida daqueles novos Deuses aos quais também Nietzsche fez menção.

Torna-se útil aqui, à semelhança do que faz Vattimo no 4º e 5º capítulo de sua obra (*Depois da Cristandade*), um esclarecimento quanto ao título dado a tais considerações finais: *Depois da Cristandade: Cristianismo “Fraco”*. Com efeito, a segunda sentença trata-se de uma descrição abreviada do que esperar “depois da cristandade”. Os dois pontos após a primeira sentença querem indicar exatamente o fato de que depois da cristandade *segue-se* um cristianismo fraco. A “cristandade” aqui, assim como na exposição de Vattimo, é o símbolo e representação do cristianismo e da religião institucional, dogmática e confessional, que faz sua história caminhar por sobre os credos e dogmas absolutizados. Este cristianismo e religião ruíram junto às estruturas “fortes” fundamentadas no Deus moral e metafísico. Era de fato o cristianismo da metafísica, “forte” e por isso violento. À semelhança do *pensiero debole* (pensamento fraco ou débil), o adjetivo “fraco” aqui aplicado à “cristianismo” quer indicar tão simplesmente a ausência da possibilidade de chegar-se à uma verdade absoluta devido à inviabilidade de se alcançar os fundamentos do ser ou do real. Sendo fraco, Deus admite outros.- À maneira de Nietzsche: trata-se tudo de interpretação, e até isto é uma interpretação! E assim o pensamento torna-se frágil, bem como a sociedade e com ela a religião. Verdade agora é hermenêutica; aplicada ao cristianismo, faz dele suscetível a “contaminações” por parte de outras religiões, sociedades e elaborações.

Ainda assim, trazendo latente consigo a reação fundacionista de regredir a formas anteriormente tidas como temíveis e confortantes, a vitalidade religiosa contemporânea deve atentar para o elemento paradoxal atuante em sua origem, isto é, sua dependência necessária em relação à dissolução da metafísica, que traz consigo o “descrédito em qualquer doutrina que pretenda valer absoluta e definitivamente como descrição verdadeira das estruturas do ser”. (VATTIMO, 2004, p. 28) Negar esta necessária dependência equivale a negar a condição de sua possibilidade.

A religião metafísica, destaca Vattimo, tem relação direta com uma antiga perspectiva de transcendência corrente em meio à humanidade, a saber, aquela que a concebe como oposta a toda racionalidade, revestida de uma áurea ameaçadora e negativa, que exige o sacrifício, a submissão, o culto: “uma força que manifesta a sua alteridade através da negação de tudo aquilo que nos parece razoável e bom”. Entretanto,

Vattimo não luta pela prevalência desta transcendência. Situa-se aí sua crítica ao pensamento de Derrida e Lévinas, por exemplo. Para Vattimo, a transcendência deve mostra-se imanente, kenótica. De fato, é justamente esta realidade imanente ou kenótica que legitima a experiência religiosa nos dias atuais.

No que concerne a este estado de coisas, cabe perguntar ainda à Gianni Vattimo quanto ao relativismo total, aparentemente tão próximo de uma “explosão de imagens” e uma conseqüente libertação metafórica como tal. Em relação a isto, é que, segundo Vattimo, a filosofia encontra a religião não mais simplesmente como possibilidade aberta “negativamente”, mas também “positivamente”. O pluralismo pelo pluralismo, destaca Vattimo, equivale ao retorno ao mito e à ideologia sem princípio algum que não seja a tolerância. Não é o melhor caminho em sua opinião: tolerância não basta! Deve-se atentar igualmente para a potencialidade de que esta, juntamente com o pluralismo, torne-se por sua vez um metadiscurso normativo. Haveria, assim, algum critério para a aceitação da secularização? Sim. Este critério para Gianni Vattimo constitui-se no amor, presente tanto em Agostinho quanto em Giacchino da Fiori.

Por fim a secularização de que fala Vattimo comporta saudades. É como que um ponto final (a esperada terceira idade! Não há como negar um certo progressismo aqui), onde pressente-se uma presença ausente, um querer regressar sem contudo poder fazer o caminho de volta, um repropor que acaba por tornar-se nova proposta. É o que faz desta uma “experiência religiosa autêntica”. Autenticidade esta não legitimada por um retorno à origem esquecida, mas no recordar e na vivência deste “esquecimento” e distância. Em suma, o significado elementar do termo heideggeriano tão caro ao pensador: *Verwindung*.

Bibliografia

VATTIMO, Gianni. *Acreditar em acreditar*. Tradução de Elsa Castro Neves. Lisboa: Relógio D'água, 1998.

VATTIMO, Gianni. *Depois da cristandade*. Tradução de Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.